

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Curso de Bacharelado em Letras Tradução Inglês – Português



Trabalho de Conclusão de Curso

A subjetividade na tradução:
uma análise de “milk and honey” e “the sun and her flowers”

Angel Alves Hilian

Pelotas, 2022

Angel Alves Hilian

A subjetividade na tradução:

uma análise de “milk and honey” e “the sun and her flowers”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras Tradução Inglês - Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daiane Neumann

Pelotas, 2022

Angel Alves Hilian

A subjetividade na tradução: uma análise de “milk and honey” e “the sun and her flowers”

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Letras Tradução Inglês - Português, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 22 de junho de 2022

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Daiane Neumann (Orientadora)
Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Prof^a. Dr^a Beatriz Viegas Faria
Doutora em Linguística Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Prof^a. Dr^a. Elisa Stumpf
Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Dedico este trabalho à memória dos meus avós Ivo e Noely e ao meu tio Eliezer, que me ensinaram quase tudo o que eu sei sobre ser forte.

Agradecimentos

À minha mãe, o meu maior exemplo de mulher forte, que nunca deixou de acreditar em mim e sempre esteve pronta para me oferecer colo todas as vezes em que eu precisei. Sem ela eu jamais teria conseguido chegar até aqui.

Às três irmãs que a vida me presenteou, Vanessa, Amanda e Luiza, as Alves “sistahs”, que nem sempre concordaram com todas as minhas loucuras durante a graduação, mas que, ainda assim, nunca soltaram a minha mão e nem me deixaram desistir. Elas sempre souberam o que fazer para me fazer voltar para os trilhos.

À minha avó Lili e minha tia Rose, minhas outras mães, por me ensinarem tanto, pelo cuidado, paciência, carinho, apoio e incentivo de sempre.

Às minhas primas Amália, Janaína e Lilian, e ao meu primo Guilherme, que sempre foram minha inspiração.

À minha família imensa, pela paciência, pela compreensão todas as vezes em que me ausentei por estar muito atarefada e pela acolhida calorosa todas as vezes em que retornei após um longo período. Vocês sempre foram os meus maiores incentivadores.

Aos meus amigos Vini, André, Helena, Duane, Olivia, Laís, Milena, Diuly, Hariel, Ronney, Gio, Alessandra, Gustavo e Luiza, vocês são os melhores amigos que eu poderia ter. Sou grata por todos os puxões de orelha, pelas partidas de Sexta-feira 13 em momentos de estresse, pelas conversas tarde da noite, por todos os abraços apertados e o café quentinho em momentos que precisei de apoio e, principalmente, por nunca desistirem de mim.

Às maravilhosas Andrea Kahmann e Arlene Koglin por serem a minha inspiração e motivação para seguir com o curso. Com elas aprendi que a tradução sempre foi o meu lugar.

À Vanessa Damasceno, que sempre me apoiou (até nas ideias mais insanas), que me ensinou muito e ainda me ensina todos os dias, e que sempre esteve lá para garantir que eu estivesse bem.

Aos colegas do grupo de estudos pelas discussões enriquecedoras.

E por último, mas não menos importante, à minha orientadora, Daiane Neumann, por acreditar no meu potencial (mesmo quando eu duvidei), pela paciência e cuidado comigo, por aceitar me conduzir até aqui, e por sempre me incentivar a ser o melhor que eu pudesse ser.

Aos meus amores e amoras, muito obrigada.

Being brave doesn't mean you aren't scared. Being brave means you are scared, really scared, badly scared, and you do the right thing anyway. In other words, being brave is related to what you do, not how you feel. (GAIMAN, 2002)

Resumo

HILIAN, Angel Alves. **A subjetividade na tradução:** uma análise de “milk and honey” e “the sun and her flowers”. Orientadora: Prof^a Dr^a Daiane Neumann. 2022. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

Partindo de uma aproximação entre os estudos da tradução e os estudos benvenistianos, o presente trabalho pretende abordar a temática da subjetividade na tradução, pouco abordada por estudiosos de ambas as áreas, com o intuito de trazer à tona, através da noção de subjetividade apresentada por Émile Benveniste, a subjetividade presente em textos traduzidos. Este estudo volta-se para uma perspectiva pós-modernista de tradução, onde a visão sobre o ato tradutório ultrapassa a noção de tradução como a transferência de significados de uma língua para outra, o que permite que a tradução também seja vista como produção de discurso, e o tradutor, por sua vez, como alguém que enuncia e que conseqüentemente deixa marcas de sua presença no texto traduzido. Busca-se, assim, romper com a ideia de invisibilidade, vinda de uma perspectiva de teor mais conservador acerca da tradução, que prega pela existência de uma tradução “transparente”, aquela na qual não há qualquer vestígio da presença do tradutor, condicionando essa figura tão importante ao papel de alguém que usurpa algo e que por esse motivo precisa tornar-se invisível. Para tanto, realizou-se a análise da tradução de Ana Guadalupe em cinco poemas da autora indo-canadense Rupi Kaur dos livros “*milk and honey*” e “*the sun and her flowers*”, observando, com o auxílio dos estudos benvenistianos, de que forma a voz da tradutora emerge do texto, ou seja, quais marcas evidenciam sua presença e, por fim, de que maneira estas influenciam na organização da tradução e na construção de sentido.

Palavras-chave: Subjetividade na tradução. Invisibilidade do tradutor. Rupi Kaur. Ana Guadalupe.

Abstract

HILIAN, Angel Alves. **The subjectivity in translation:** analysis of “milk and honey” and “the sun and her flowers”. Advisor: Prof^a Dr^a Daiane Neumann. 2022. 50 f. Final Thesis Work – Department of Language and Communication (CLC), Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

Based on an interaction between Translation Studies and Benveniste's Studies, this study aims to address the issue of subjectivity in translation, rarely discussed by scholars in the field of subjectivity and translation studies, to explore, through the notion of subjectivity presented by Émile Benveniste, the voice present in translated texts. This study focuses on a post-modernist perspective of translation, in which the vision of the act of translation goes beyond the notion of translation as a mere transference of meaning from one language to another, which allows translation to be seen as the production of discourse and the translator, in its turn, as someone who enunciates and, consequently, leaves his or her mark on the translated text. This is an attempt to break away from the idea of invisibility, which comes from a more conservative perspective on translation, which claims the existence of “transparency” in translation, leaving no trace of the translator's presence, conditioning this important figure to the role of someone who usurps something and, for this reason, must become invisible. To this end, we analyzed Ana Guadalupe's translation of five poems by the Indo-Canadian author Rupi Kaur from the books “milk and honey” and “the sun and her flowers”, observing, with the help of Benvenistian studies, how the translator's voice emerges from the text, which marks evidence her presence and, finally, how this influences the organization of the translation and the construction of meaning.

Keywords: Subjectivity in translation. Translator's Invisibility. Rupi Kaur. Ana Guadalupe.

Lista de Tabelas

Tabela 1	Cotejo de o <i>the art of being empty</i> e a arte de ser vazia.....	38
Tabela 2	Cotejo de poema sem nome em <i>milk and honey</i> e outros jeitos de usar a boca.....	40
Tabela 3	Cotejo de <i>time</i> e tempo.....	41
Tabela 4	Cotejo de poema sem nome em <i>the sun and her flowers</i> e o que o sol faz com as flores.....	43
Tabela 5	Cotejo de <i>ode to matisse's dance</i> e ode à dança, de matisse.....	45

Sumário

	Introdução.....	10
1.	Tradução: a bela infiel.....	13
1.1	Tradutor: o traidor.....	14
1.2	A (in)visibilidade do tradutor.....	15
2.	A obra benvenistiana: uma antropologia da linguagem.....	18
2.1	A relação língua-homem.....	20
2.2	A relação língua-cultura.....	21
2.3	A relação língua-sociedade.....	22
2.4	Teoria da enunciação.....	24
2.4.1	Subjetividade e intersubjetividade.....	25
2.4.2	Forma e sentido.....	28
2.4.3	Semântico e Semiótico.....	32
3.	<i>Milk and honey e the sun and her flowers</i>.....	35
3.1	Análises.....	36
	Considerações finais.....	47
	Referências.....	49

Introdução

Ao longo da história, assim como em quaisquer outras áreas, os estudos da tradução apresentaram diversas vertentes e, portanto, possuem margem para diversas interpretações do que seria de fato a tradução¹. Uma possível interpretação sobre o que seria a prática tradutória – considerada “bastante comum” dentre aqueles que desconhecem seus inúmeros processos – é a de que a tradução consiste em um mero transporte de significados de uma língua para a outra, em que a equivalência perfeita deve ser almejada e alcançada como objetivo último; e a noção de fidelidade estabelece a norma do que seria, ou não, uma tradução “perfeita”. Há, entretanto, uma outra possibilidade de interpretação sobre a temática da tradução que ainda é pouco abordada entre os leigos da matéria: a de se encarar a tradução como uma questão que está muito além de um simples fenômeno linguístico que ocorre entre línguas, visando puramente à comunicação e à informação.

Pensar tradução literária sob as lentes da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste (1991; 1989 [1966; 1974]) possibilita trazer para o centro da questão a figura do tradutor como aquele que faz escolhas, interpreta e, conseqüentemente, (re)produz² sentidos na medida em que se propõe como sujeito leitor/escritor, ao enunciar-se na e pela linguagem³. A teoria enunciativa permite propor uma reflexão acerca de como o tradutor teria um papel tão fundamental nos textos que (re)produz tanto quanto o autor que inicialmente os escreveu em sua língua de origem, rompendo ainda com a ideia de tradução “ideal”, na qual não seria possível encontrar qualquer manifestação ou vestígio da presença do tradutor (ARROJO, 2006 [1980]).

Dito isso, o presente estudo justifica-se a partir da ânsia de se compreender cada vez mais sobre o ato tradutório e seus processos e, para além disso, visa ainda a estabelecer um diálogo entre os estudos da tradução e os estudos benvenistianos. Sabe-se que a aproximação entre os estudos enunciativos e os estudos da tradução

¹ Ao longe deste estudo, entende-se tradução e tradutor como tradução literária e tradutores literários/criativos (2001, Vancouver – Creative Translation).

² Segundo Dessons (2006), a utilização do prefixo “re” na obra de Benveniste é carregada de um valor crítico. Ilustrado pela locução “à nouveau”, em tradução livre “novamente”, o prefixo “re” é então portador de dois valores: o de iteração e o de invenção.

³ Embora ao se deslocar a teoria da enunciação para pensar a tradução, se possa dizer que o tradutor faz escolhas, sendo alguém que interpreta o texto ao traduzi-lo, ao se propor como sujeito de linguagem, não se pode afirmar que haja um controle da parte do tradutor sobre todos esses sentidos. Ao se propor como sujeito de linguagem, o que está em questão é o intencionado, ou seja, a intenção que se constrói discursivamente e que se propõe como efeito de sentido.

ainda é um tema emergente, devido ao fato de que a tradução em si não é abordada de forma direta ao longo da teoria de Émile Benveniste. A partir da busca por trabalhos anteriores que abordassem a temática da subjetividade na tradução literária foi possível constatar que, por consequência disso, essa também acaba por ser uma área que, até os anos 1990, foi pouco explorada nos estudos acadêmicos.⁴

Tendo como base principal a teoria enunciativa de Émile Benveniste apresentada ao longo dos livros *Problemas de Linguística Geral I* (1991 [1966]) e *Problemas de Linguística Geral II* (1989 [1974]), além da discussão levantada pelo tradutor e pesquisador Lawrence Venuti (2019; 2021 [1998; 1994]) acerca da invisibilidade do tradutor, este estudo tem como objetivo trazer à tona a subjetividade presente em textos traduzidos. Para fazê-lo, será realizada uma análise de escolhas tradutórias, observando de que forma a figura da tradutora emerge do texto e quais marcas evidenciam sua presença; será observado ainda de que maneira essas marcas influenciam na organização e na construção de sentido da tradução.

O objeto de estudo utilizado para as análises trata-se de cinco poemas dos livros *milk and honey* (2015) e *the sun and her flowers* (2017) da autora indo-canadense Rupi Kaur⁵, no Brasil *outros jeitos de usar a boca* (2017) e *o que o sol faz com as flores* (2018), traduzidos para o português brasileiro por Ana Guadalupe⁶.

Os livros de Kaur são mundialmente conhecidos, devido ao fato de que a autora está entre a famosa geração de poetas contemporâneos conhecidos como *instapoets*⁷. As obras trazem uma série de poemas que abordam temáticas como amor, sexo, abuso sexual, feminilidade, maternidade, saúde mental, perda, trauma e migração, sendo este um dos principais atrativos na escrita de Kaur, uma vez que as questões apresentadas ao longo dos livros são, comumente, situações vivenciadas no cotidiano e que servem como pauta de muitas discussões da atualidade.

Nos capítulos a seguir, com um embasamento teórico construído a partir de autores como Benveniste (1991; 1989 [1966; 1974]), Dessons (2006),

⁴ A temática desenvolvida aqui foi discutida por Venuti na década 90, mas também por Meschonnic, ainda na década de 70, e pelos irmãos Campos na década de 80. No entanto, essa discussão é feita em Meschonnic via ritmo e em Campos via transcrição. O que se pretende aqui é propor uma reflexão via Benveniste, discutindo a questão da subjetividade na tradução a partir do ponto de vista da linguagem, o que nos aproxima da discussão levantada por Meschonnic.

⁵ Poeta feminista contemporânea, escritora e artista, filha de pais indianos, nascida em Punjab, na Índia, mas que se mudou aos quatro anos de idade para o Canadá.

⁶ Tradutora, redatora, escritora e poeta brasileira.

⁷ Escritores de poesia contemporânea, conhecidos por alcançarem o sucesso conquistando fãs e seguidores através de redes sociais como o *Instagram*.

Meschonnic(2010 [1999]), Venuti (2019; 2021 [1998; 1994]) e Hermans (1985; 1996), pilares deste estudo, pretende-se apresentar os conceitos e conteúdos considerados pertinentes para a discussão e análise proposta.

Primeiramente, a partir das discussões tratadas nas obras de Venuti (2019; 2021 [1998; 1994]), Hermans (1985; 1996) e Meschonnic (2010 [1999]), será abordada a temática da tradução e da figura do(a) tradutor(a), passando por questões como o conceito de “traição” na tradução e a invisibilidade do(a) tradutor(a); na sequência, as questões abordadas serão acerca da obra de Émile Benveniste, a partir de textos da obra do próprio Benveniste (1991; 1989 [1966; 1974]) e da discussão trazida por Dessons (2006), tratando sobre a visão antropológica da linguagem, as relações entre língua-homem-cultura-sociedade⁸, e a teoria enunciativa benvenistiana e seus pilares; na sequência apresentam-se as análises, pontuando-se algumas questões de escolha tradutória; e por fim, serão retomadas as questões teóricas, a fim de fomentar a discussão, tendo como base as análises realizadas ao longo deste estudo, acerca da temática da subjetividade na tradução.

⁸ Neste trabalho, entende-se “homem” como humanidade.

1. Tradução: a bela infiel

Quando se pensa em tradução, é provável que a primeira definição a se apresentar na mente de muitos, seja a de tradução como um meio de passar um enunciado de uma língua para outra.

Essa ideia que se perpetua até os dias atuais parte da noção de tradução como instrumento de comunicação e informação de uma língua para outra, vinda de uma vertente considerada como a mais tradicional, muito provavelmente, uma das mais antigas desde o início da teorização sobre a tradução. O ponto de vista adotado por essa vertente – considerada inicialmente como empírica, e mais tarde empirista – era puramente baseado na experiência dos tradutores da época, e seus princípios consistiam na procura da fidelidade e no apagamento total do tradutor nos textos traduzidos, visando a passar uma ideia de transparência, ou seja, a ilusão de que, na verdade, a tradução não se trata de uma tradução.

À primeira vista, seguir o conceito de fidelidade parece ser o caminho mais razoável a se tomar enquanto tradutor, no entanto, é necessário refletir, a que o tradutor deve ser fiel quando se propõe a traduzir um texto? Ao texto a ser traduzido seria a resposta, mas é justamente aí que se encontra um dos principais problemas do conceito de fidelidade: ela almeja alcançar o texto como um todo, mas acaba por abarcar apenas parte dele.

Ao longo dos anos, a abordagem quanto aos estudos da tradução mudou diversas vezes, mas pode-se dizer que foi apenas no século XX que uma transformação verdadeira começou a ocorrer. Os princípios de fidelidade e transparência – que pregavam pelo apagamento do tradutor e a ilusão de um texto não traduzido – passaram a ser abandonados, e a tradução passa, pouco a pouco, da língua ao discurso, ou seja, ao texto como unidade. Essa mudança possibilita um pensar sobre o ato tradutório como um ato de linguagem.

A tradução possui o seu papel inegável de extrema relevância no contato entre culturas, e para muitos essa noção, atrelada às vertentes mais tradicionais dos estudos da tradução, basta. Mas para propor uma reflexão acerca de tradução literária é necessário – e de extrema importância para o que este estudo se propõe – ir além deste conceito e reconhecer que esta não é a única noção existente acerca da temática. É preciso pôr em xeque a noção de tradução como um instrumento de

comunicação ou um simples meio de informação, do contrário a literatura traduzida acabaria por ser reduzida meramente a um conjunto de informações sobre o conteúdo dos livros traduzidos.

1.1 Tradutor: o traidor

Uma questão muito interessante, e sobre a qual ainda existem poucas reflexões que se dediquem a discutir de forma um pouco mais aprofundada, é a participação inegável, e constante, da tradução na vida cotidiana. Seja através de livros, textos técnicos, jornais de grande circulação, documentos oficiais de empresas públicas ou privadas, no teatro, no cinema ou até mesmo em qualquer rede de *streaming* de filmes e séries, dentre tantos outros meios, a tradução se faz presente. É através da tradução que a grande maioria dos seres humanos obtém acesso a tudo o que foi dito e escrito. Mas apesar da presença maciça da tradução e do tradutor ao redor do mundo, mesmo atualmente, não é incomum ouvir afirmações que alegam que todo tradutor é um traidor, ou que este aparece apenas nos erros de tradução, condenando-o dessa forma à invisibilidade.

A expressão italiana “*traduttore traditore*” exemplifica com excelência uma ideia que, ainda hoje, está fortemente atrelada à figura do tradutor no imaginário popular, em que o tradutor apenas é mencionado quando se apontam erros ou “traições” em relação ao texto-fonte, que sempre será considerado melhor do que a tradução, condicionando tanto a tradução quanto o tradutor a um lugar de pouco prestígio. É possível ver um exemplo disto na observação feita por Norman Shapiro:

Eu vejo a tradução como uma tentativa de produzir um texto tão transparente que não dê a impressão de ter sido traduzido. Uma boa tradução é como a transparência de um vidro. Você só nota quando existem pequenas imperfeições – riscos, bolhas. Idealmente não deveria haver nenhuma. Ela nunca deve chamar atenção para si mesma. (SHAPIRO, *apud* VENUTI, 2021 [1994], p. 41)

O conceito de uma tradução transparente nada mais é do que uma mera ilusão. Uma tradução, mesmo quando é excelente, jamais poderá se passar pelo texto original, as traduções são essencialmente diferentes em intenção e efeito. Conforme afirma Hermans:

[...] a tradução nunca coincide com sua fonte, não é idêntica ou equivalente em nenhum sentido formal, e permanece sendo vista como a noção de um discurso correspondente a outro. Mas a ilusão está aí: é o que nós, em nossa cultura, aprendemos e entendemos como tradução. (HERMANS, 1996, p. 24 (Tradução minha))

Para exemplificar o que Hermans (1996) cita sobre a questão de que a ilusão está no que se entende por tradução, pode-se trazer uma situação bastante típica e que não causa nenhuma estranheza: um leitor que esteja, por exemplo, lendo Dostoyevsky em língua inglesa. Uma vez que não está em russo, o texto em questão, ao qual o leitor tem acesso, se trata de uma tradução, mas o leitor ainda irá se referir a ele como se fosse o original, ou texto-fonte, ao alegar que está lendo Dostoyevsky. O esquecimento convenientemente da figura do tradutor – muitas vezes por parte do próprio tradutor quando este se condiciona ao papel de invisível que, comumente, lhe é imposto –, assim como o esquecimento do “*status*” de tradução quando se trata do texto traduzido abrem margem para um dos maiores questionamentos sobre o ato tradutório: seria o tradutor realmente capaz de desaparecer sem deixar nenhum vestígio no texto traduzido?

No âmbito deste estudo, essa é uma questão que causa grande inquietude, e é justamente a tentativa de respondê-la o que leva a um encontro direto com a discussão levantada por Venuti (2021 [1994]) sobre a temática da invisibilidade do tradutor.

1.2 A (in)visibilidade do tradutor

Segundo Lawrence Venuti, como resquício de uma noção considerada como a mais tradicional acerca de tradução, o discurso sobre a fluência no ato tradutório se mantém presente em meio aos estudos da tradução da atualidade, dominando as

tradições da poética, principalmente de língua inglesa, desde o início do período moderno. Essa concepção mascara o trabalho árduo do tradutor, levando o leitor a crer, conseqüentemente, que a tradução é naturalmente o texto-fonte.

Desta forma, Venuti, no livro *A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução* (2021 [1994]), originado de um artigo lançado em 1986, dedica-se a desmitificar a prática tradutória e a romper com a ilusão de fluência, questionando abertamente os discursos teóricos dominantes em meio aos estudos da tradução. Venuti (2021 [1994], p. 12) estabelece que seu “objetivo declarado não é avaliar, mas descrever e explicar a natureza da tradução e o comportamento dos tradutores”. Desta forma, “invisibilidade” é o termo escolhido pelo autor para tratar da situação marginalizada em que se encontra o tradutor contemporâneo.

Um texto traduzido, prosa ou poesia, ficção ou não ficção, é considerado aceitável pela maioria dos editores, resenhistas e leitores quando ele é fluente, quando parece transparente por causa da ausência de peculiaridades linguísticas ou estilísticas, dando a aparência de que ele reflete a personalidade do autor estrangeiro – a aparência, em outras palavras – de que a tradução não é realmente uma tradução, mas o ‘original’. (VENUTI, 2021 [1994], p. 42)

Venuti exemplifica o domínio do discurso fluente em traduções para língua inglesa a partir do recorte de resenhas extraídas de jornais e outros periódicos, onde, nas raras vezes em que periodistas se dedicam a discutir acerca de uma tradução, seus comentários são naturalmente voltados para a defesa do discurso fluente, que é sempre amplamente elogiado.

O discurso fluente em questão preza pelo uso de uma linguagem moderna, que evita a “jargonização” e a linguagem coloquial, ao mesmo tempo em que evita estrangeirismos e ambiguidades. Além disso, outra preocupação do discurso fluente é o uso de uma sintaxe que não seja tão fiel ao texto-fonte a ponto de se tornar idiomática, sendo assim facilmente reconhecida e familiar para o leitor do texto-alvo. Desta forma, sob o que Venuti chama de “regime da tradução fluente”, o próprio tradutor trabalha com a finalidade de tornar-se “invisível”, buscando incansavelmente a ilusão da transparência. Segundo Venuti (2021 [1994]), a invisibilidade do tradutor, por sua vez, pode ser considerada como um estranho ato de autoaniquilamento, que,

por consequência, apenas reforça o *status* marginal da tradução e do tradutor.

Para Venuti, a tradução é um ato político, e a escolha do autor pelo termo “invisibilidade” nada mais é do que uma crítica cultural, que se opõe fortemente à ideia do que a invisibilidade na tradução representa, estendendo um convite ao tradutor para que este resista e trabalhe em prol de uma mudança nas condições que, ainda hoje, presidem a teoria e a prática tradutória.

Portanto, o único prestígio que um tradutor pode ganhar vem da prática da tradução, não como uma forma de expressão pessoal, mas como uma colaboração entre grupos divergentes, motivada por um reconhecimento das diferenças linguísticas e culturais que a tradução necessariamente reescreve e reordena. A tradução, como qualquer escrita, é geralmente praticada em condições solitárias. Mas ela liga multidões, frequentemente nos grupos mais inesperados. (VENUTI, 2019 [1998], p. 15)

Sendo assim, o que Venuti se propõe a fazer ao longo de toda discussão acerca da invisibilidade do tradutor, segundo suas próprias palavras, é “elaborar um aparato teórico, crítico e textual pelo qual a tradução possa ser estudada e praticada como lugar de diferença [...]” (VENUTI, 2021 [1994], p. 110).

Desta forma, partindo da proposta de Venuti, o presente estudo visa a trazer para o centro da discussão a figura do tradutor, ao mesmo tempo em que coloca em xeque a crença da invisibilidade na tradução – a partir de uma aproximação entre a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste (1991; 1989 [1966; 1974]) e os estudos da tradução –, quando se propõe a pensar sobre a subjetividade da tradução.

2. A obra benvenistiana: uma antropologia da linguagem

A obra de Émile Benveniste traz uma enorme contribuição para reflexões acerca da grande questão que é a linguagem. No entanto, pode-se afirmar que o autor nunca decidiu, deliberadamente, construir uma teoria em sua totalidade, completa e acabada, como ocorre com outros autores de diversas áreas.

Segundo Flores (2013), o trabalho desempenhado por Benveniste acerca da enunciação não deve ser entendido como um modelo acabado, ou até mesmo como um modelo em construção, uma vez que, aqui, o termo “teoria” não possui o mesmo sentido que se pode observar na Teoria Gerativa ou Teoria Funcionalista, ambas amplamente conhecidas no meio da linguística geral.

Como coloca Teixeira (2015), cada texto apresentado por Benveniste é um mundo que se abre para inúmeras questões, e mesmo na coletânea de artigos que compõe os livros *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas Linguística Geral II* (1991; 1989 [1966; 1974]), não é possível manter a ilusão de uma unidade. No entanto, é necessário esclarecer que, mesmo diante de tal pluralidade, o trabalho de Benveniste não pode ser considerado disperso. Todas as discussões levantadas pelo autor encontram seu ponto de convergência em sua preocupação com a questão da significação.

A espantosa diversidade de assuntos e fenômenos estudados por Benveniste faz com que seja necessário, para que se possa dar início a uma discussão a partir do trabalho deste autor, um certo grau de limitação sobre de qual aspecto se está partindo, uma vez que a proposta da obra *benvenistiana* vai muito além do campo da enunciação e, ainda segundo Flores (2013), contempla uma variedade de temas, que vão desde estudos de aspectos da linguística geral até textos que são dedicados às áreas da filosofia, psicanálise, sociologia, antropologia, teorias da cultura, da lógica etc.

Por esse motivo, a realização de percurso teórico-metodológico que tenha como base os objetivos específicos da pesquisa a ser desenvolvida, faz-se essencial para a construção de qualquer estudo que pretenda apoiar-se na obra de Benveniste.

Partindo desta ideia, o *teórico-metodológico* sob o qual esta pesquisa será desenvolvida é constituído por um conjunto de textos previamente selecionados apresentados ao longo dos Livros *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II* (PLG I e PLG II), concentrados, em sua grande maioria, nas seções de comunicação e do homem na língua, considerados pontos-chave para a discussão acerca da questão da enunciação. Os textos selecionados para o aporte teórico são: “Natureza do signo linguístico” (1939), “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” (1956), “Os níveis de análise linguística” (1962/1964), “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (1946), “A natureza dos pronomes” (1956), “Da subjetividade na linguagem” (1958), “Semiologia da língua” (1969), “A linguagem e a experiência humana” (1965), “O aparelho formal da enunciação” (1970) e “A forma e o sentido na linguagem” (1966/1967).⁹

O que se encontra no decorrer das discussões levantadas por Benveniste não se trata apenas da ideia de que a linguagem não serviria apenas para comunicar como também serviria para viver. O que se pode perceber além disso é uma linguística que permite pensar nas diversas experiências humanas que ocorrem na e pela linguagem. Uma vez que, conforme afirma Dessons (2006), fazer uma leitura de Benveniste somente a partir das marcas de enunciação é fazer uma leitura caricatural da obra e das discussões levantadas por este autor.

Desta forma, uma leitura a partir do que se chama visão antropológica da linguagem¹⁰, responsável por grande parte da fundamentação do pensamento deste autor, permite que não se dissocie as questões linguísticas *stricto senso* das questões de ordem mais geral abordadas por Benveniste. Visando ao enriquecimento da discussão teórica deste trabalho, será abordada a seguir a visão *benvenistiana* sobre a relação língua-sociedade, língua-cultura e língua-homem, profundamente interligadas entre si, em uma visão antropológica da linguagem.

⁹ As datas apresentadas ao lado de cada texto fazem referência à data da primeira publicação e/ou apresentação do texto em congressos.

¹⁰ A expressão “antropologia da linguagem” aparece ao longo do trabalho de Meschonnic (2010 [1999]), Dessons (2006) e Flores (2013), não possuindo o mesmo significado para os três autores. Neste trabalho, entende-se a expressão pelo mesmo viés apresentado em Dessons (2006), (consoante com Meschonnic (2010 [1999])), onde define-se a expressão a partir da colocação de que a linguagem ensina a própria definição de homem. Deve-se a essa definição a impossibilidade de separação, na obra benvenistiana, das questões de língua e das questões de linguagem. O linguístico é tomado em sua estreita relação com as questões mais gerais de linguagem.

2.1 A relação língua-homem

É Benveniste o responsável por apresentar uma noção que se propõe a retirar a linguagem da condição de instrumento, entendendo-a como indissociável do homem e de sua experiência no mundo. A linguagem é, portanto, definida por sua estreita relação com o homem, assim como o homem, por sua vez, também é definido por sua estreita relação com a linguagem.

A linguagem é, assim, apresentada como condição da existência do homem, estabelecendo sua relação com o mundo, com outros sistemas simbólicos e com a sociedade.

Desta forma, tem-se estabelecido que o homem apresentado por Benveniste não é anterior à língua e não faz o uso desta como um mero instrumento, como é comumente proposto em outros campos teóricos. O homem existe pelo fato de falar e emerge como efeito na e pela linguagem. Sendo assim, tentar opor o homem à linguagem é, conseqüentemente, uma tentativa de opô-lo a sua própria natureza.

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE, 1991 [1966], p. 285)

A afirmação “o homem está na língua” é o que, basicamente, resume o princípio do pensamento benvenistiano. O homem não só está na língua, como também se marca na língua, se singulariza na língua e se propõe como sujeito na língua, pois é fundado simbolicamente através da linguagem.

Desta forma, é importante ressaltar que o homem, a partir de sua profunda conexão com a linguagem, também é atravessado por questões culturais e sociais, que, por sua vez, também se relacionam profundamente entre si, assim como também se relacionam com a língua.

A figura do tradutor, como é apresentada ao longo da discussão articulada por Lawrence Venuti (2019; 2021 [1998; 1994]), exemplifica com excelência a relação profunda entre língua e homem bem como as questões culturais e sociais apresentadas em Benveniste (1991; 1989 [1966; 1974]).

Nem o escritor estrangeiro, nem o tradutor são considerados como a origem transcendental do texto [...] Ao contrário, a subjetividade é constituída de determinações culturais e sociais diversificadas, e mesmo conflitantes, que mediatizam qualquer uso da linguagem e que variam conforme a formação cultural e o momento histórico. (VENUTI, 2021 [1994], p. 81)

Tanto para Benveniste (1989; 1991 [1966; 1974]) quanto para Venuti (2021 [1994]), a constituição de subjetividade é constantemente atravessada por questões culturais e sociais. Para Benveniste a linguagem é o testemunho desse embate, da mesma forma que a tradução o é, segundo o que pontua Venuti (2021 [1994]). O que se pode compreender é que a tradução, que está sempre em um constante processo de transformação, apenas é viável devido a sua relação com as condições culturais e sociais no contexto em que ela é produzida, sofrendo esse atravessamento da cultura e da sociedade receptora.

Desta forma, a discussão sobre a relação língua e homem traz, também, para o centro da questão a relação entre língua e cultura, levando a uma reflexão acerca do impacto e da importância desta para a tradução. Sendo esta uma temática que também é de interesse dos estudos benvenistianos, a seção a seguir se dedica a abordar a relação língua e cultura de maneira mais detalhada.

2.2 A relação língua-cultura

É importante começar este tópico estabelecendo que a questão do lugar da cultura na enunciação na fala também é uma temática que interessa a Benveniste. Pode-se dizer que, para o autor, o homem não nasce na natureza, mas sim na cultura, uma vez que se pode afirmar que seria através da língua que as crianças aprenderiam os rudimentos de uma cultura.

Segundo Teixeira (2015, p. 107), “essas afirmações de Benveniste permitem que se diga que a cultura ‘fala’ toda vez que eu-tu se instituem no ato de enunciação”. Desta forma, desfaz-se, novamente, uma noção que prega a existência de um sujeito individual, uma vez que o sujeito *benvenistiano* não é um ser anterior à língua; ele existe somente pelo fato de falar e pela relação dialógica que estabelece com o *tu*, e desta forma acaba por emergir na e pela linguagem, sendo sempre radicalmente atravessado pela cultura. Segundo Benveniste:

A cultura define-se como um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores: tradição, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade [...]. (BENVENISTE, 1991 [1966], p. 32)

Desta forma, a cultura, considerada por Benveniste como esse fenômeno simbólico – tendo, anteriormente, constituído e sido constituída pela linguagem –, seria, então, capaz de “conduzir” o comportamento do homem.

Assim, homem, cultura e sociedade não seriam termos contraditórios, e sim complementares, profundamente ligados à linguagem, uma vez que, para Benveniste, não seria possível conceber língua/linguagem fora de sua estreita relação com o homem, cultura e sociedade.

A relação entre cultura e tradução assemelha-se muito à relação entre língua e cultura proposta por Benveniste. A cultura está impregnada na linguagem, da mesma forma como está impregnada na tradução. O ato tradutório se torna viável, principalmente, devido a sua relação com as condições culturais. Dito isso, o que se pode concluir é que a tradução, assim como a linguagem, não pode dissociar-se da cultura.

2.3 A relação língua-sociedade

É importante iniciarmos a questão referente à relação língua e sociedade levando em conta que, para Benveniste, como exposto no texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística” (1963), a língua estaria no seio da sociedade e da

cultura, uma vez que o social é da natureza do homem e da língua.

A língua seria, então, responsável por tornar possível a existência da sociedade, devido ao fato de que esta constitui o que mantém juntos os homens, sendo assim o fundamento de todas as relações, que, por sua vez, fundamentam a sociedade.

Estabelecendo o homem na sua relação com a natureza ou na sua relação com o homem, pelo intermédio da linguagem, estabelecemos a sociedade. Isso não é coincidência histórica, mas encadeamento necessário. De fato, a linguagem se realiza sempre dentro de uma língua, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular. Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra. Uma e outra são dadas. Mas também uma e outra são aprendidas pelo ser humano, que não lhes possui o conhecimento inato. (BENVENISTE, 1991 [1966], p. 31)

Desta forma, reafirma-se, então, que língua/linguagem, homem, cultura e sociedade seriam sempre indissociáveis uma da outra.

Benveniste ainda apresenta duas noções de sociedade, assim como faz com a língua, estabelecendo, então, dois níveis: um histórico e outro fundamental. O nível considerado como histórico seria aquele em que a sociedade é vista como um dado empírico, da mesma forma como ocorre com a língua como idioma empírico. Já o nível considerado como fundamental considera a sociedade como uma coletividade, sendo então a base de toda a existência humana, assim como a língua é tida como condição principal para a comunicação humana.

Para o autor, a língua e a sociedade estariam sempre em sincronia, além de em uma relação semiológica, uma vez que a língua, em um primeiro momento, seria responsável por interpretar a sociedade, ao mesmo tempo que, também, a língua conteria a sociedade. Desta forma, é dentro da e pela língua que o indivíduo e a sociedade acabam por se determinar de forma mútua.

Recapitulando, então, a partir da ideia de que sociedade, homem, cultura e linguagem estariam profundamente interligadas e contidas umas nas outras, pode-se afirmar que é aí que se encontra a condição exata para a criação de uma Antropologia da Linguagem dentro da obra de Émile Benveniste.

2.3A teoria da enunciação benvenistiana

Benveniste (1991; 1989 [1966; 1974]) traz uma concepção de linguagem onde a repetição não é uma possibilidade, tanto na mesma língua quanto na relação entre línguas diferentes, como é o caso da tradução. A impossibilidade da repetição na linguagem demonstra que não é possível dizer a mesma coisa duas vezes exatamente da mesma forma. O ato da linguagem ocorre de forma singular e única, produzindo a cada vez um efeito de discurso.

Embora exista um número escasso de reflexões no meio acadêmico que mesclam os estudos do campo da tradução e os estudos do campo da Enunciação, e o próprio Benveniste não aborde a questão do ato tradutório com profundidade, a concepção de linguagem do autor possibilita uma visão da tradução como um ato de linguagem que também é singular e único. Compreender a tradução desta forma permite a aceitação de que a tradução produz um discurso que é permeado pela subjetividade do processo tradutório, na medida em que é explícito o seu lugar de enunciação. Portanto, compreender a existência de subjetividade na tradução literária, por sua vez, faz com que compreendamos a invisibilidade do tradutor e transparência na tradução são uma impossibilidade.

Desta forma, adotar como base a concepção de linguagem benvenistiana sustenta uma discussão acerca de tradução que dialoga diretamente com a questão da invisibilidade do tradutor levantada por Lawrence Venuti (2019; 2021 [1998; 1994]), que defende a existência da presença do tradutor em textos traduzidos e alega que a noção de transparência nada mais é do que uma ilusão.

Devido à necessidade explícita – imposta a todos aqueles que, porventura, queiram se dedicar a observar o fenômeno linguístico da tradução através das lentes da teoria enunciativa – de estabelecer uma diretriz que seja capaz de contemplar ambos os campos, o aporte teórico utilizado neste trabalho resgata alguns dos conceitos que são considerados base para o entendimento sobre a teoria da enunciação benvenistiana, presentes em textos apresentados ao longo dos livros *PLG I* (1991 [1966]) e *PLG II* (1989 [1974]). O que se pretende fazer a seguir é a apresentação de algumas das noções de subjetividade e intersubjetividade, forma e sentido, e semântico e semiótico visando a, quando possível, estabelecer um diálogo com a discussão proposta por Venuti, que também fundamentará a análise do objeto

de estudo escolhido.

2.4.1 Subjetividade e intersubjetividade

Refletir acerca da subjetividade é um caminho inevitável quando um pesquisador se dedica a estudar questões sobre linguagem e sentido. Segundo Dessons (2006), é debruçando-se sobre a questão da subjetividade que Benveniste fundamenta sua linguística, que se estabelece sobre a tríade língua-cultura-pessoalidade¹¹, estabelecendo uma correlação que se faz necessária entre linguagem, sociedade e indivíduo.¹² De forma bastante simplificada, pode-se dizer que, para Benveniste, a subjetividade é entendida como a capacidade do locutor de se propor como sujeito, a partir da eterna interação entre homem e língua. Para compreender essa noção, faz-se necessário retomar o percurso percorrido pelo autor a respeito da subjetividade ao longo de sua obra.

Embora não seja discutido de forma muito aprofundada, segundo Dos Anjos (2020), é no capítulo “Estrutura das relações de pessoa no verbo” do livro *PLG I* (1991 [1966]), texto originalmente publicado em 1946, – onde o linguista se dedica a observar os pronomes em diferentes línguas e investiga como estes são capazes de se opor uns aos outros – que Benveniste utiliza pela primeira vez o termo “subjetividade”. O termo aparece quando Benveniste faz a seguinte colocação: “Ao par *eu/tu* pertence particularmente uma correlação especial, a que chamaremos, na falta de expressão melhor, *correlação de subjetividade*” (BENVENISTE, 1991 [1966], p. 255).

Ao longo do texto, Benveniste estabelece duas possíveis correlações para as expressões da pessoa verbal, sendo: “1 - Correlação de personalidade, que opõe as pessoas *eu/tu* à não-pessoa *ele*; 2 - Correlação de subjetividade, interior à precedente e opondo *eu* a *tu*.” (BENVENISTE, 1991 [1966], p. 258-259). É justamente a partir desta oposição entre as pessoas “*eu-tu*” e a “não-pessoa” (*ele*) que Benveniste

¹¹ Em francês: *trinôme: langue, culture, personnalité*. (DESSONS, 2006, p. 98).

¹² Embora sejam apresentadas em seções distintas, é importante ressaltar que a discussão sobre homem-língua está estreitamente associada à discussão sobre subjetividade na linguagem

procura estabelecer um lugar para o homem na língua.

A relação entre as pessoas “eu-tu” e a “não pessoa” (ele) pode ser melhor observada no seguinte trecho:

Quando saio de “mim” para estabelecer uma relação viva com um ser, encontro ou proponho necessariamente um “tu” que é, fora de mim, a única “pessoa imaginável”. Essas qualidades de interioridade e de transcendência pertencem particularmente ao “eu” e se invertem em “tu”. Poder-se-á, então, definir o *tu* como a pessoa não subjetiva, em face da pessoa subjetiva que *eu* representa; e essas duas “pessoas” se oporão juntas à forma de “não-pessoa” (= “ele”). (BENVENISTE, 1991 [1966], p. 255)

Publicado dez anos mais tarde, “A natureza dos pronomes”, texto de 1956, também do livro *PLG I* (1991 [1966]), – onde o autor analisa a universalidade das formas pronominais – procura aprofundar a temática da subjetividade, desenvolvendo as correlações de personalidade e subjetividade. A tarefa a que se propõe Benveniste no decorrer deste capítulo acaba por estabelecer ao longo do texto que os pronomes pessoais são uma característica das instâncias de discurso.

Uma análise, mesmo sumária, das formas classificadas indistintamente como pronominais leva assim a reconhecer classes de natureza totalmente diferentes e, em consequência, a distinguir, de um lado, a língua como repertório de signos e sistema das suas combinações e, de outro, a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso caracterizadas como tais por índices próprios. (BENVENISTE, 1991 [1966], p. 283)

Em “Da subjetividade na linguagem”, texto de 1958, do livro *PLG I* (1991 [1966]), lançado dois anos mais tarde do que seu capítulo antecessor “A natureza dos pronomes”, Benveniste aprofunda ainda mais a noção de subjetividade, que, a partir deste texto, adquire uma abordagem diferente da que é proposta em “Estrutura das relações de pessoa no verbo”.

A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu*. (BENVENISTE, 1991 [1966], p. 289)

O que se pode compreender a partir da discussão levantada por Benveniste no texto “Da subjetividade na linguagem” é a função essencial que a língua exerce na relação entre o homem e a forma como ele percebe o mundo e as coisas com as quais e relaciona. A língua é, então, a grande responsável por constituir tudo o que se encontra fora dela, uma vez que é a partir da língua que se constitui sujeito, tempo e espaço. “A língua ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 1991 [1966], p. 285), desta forma, pode-se dizer que a língua é o que representa a realidade, enquanto o *eu* é constituído através da prática da linguagem, na medida em que se coloca como sujeito, o que só pode ser feito na e pela enunciação.

A intersubjetividade, por sua vez, seria uma característica intrínseca da linguagem. A relação *eu-tu* se faz necessária para que haja uma delimitação do *eu*, desta forma, a intersubjetividade se apresenta como um elemento central na possibilidade de existência da subjetividade, e não o contrário. Desta forma, a subjetividade é construída por meio do que se pode chamar de interação intersubjetiva. Dessons (2006) afirma que a intersubjetividade pode ser definida como um processo interpessoal de individuação baseado na polaridade das pessoas¹³ (*eu-tu*).

A polaridade das pessoas é na linguagem a condição fundamental, cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma consequência totalmente pragmática. Polaridade, aliás, muito singular em si mesma, e que apresenta um tipo de oposição do qual não se encontra equivalente em lugar nenhum, fora da linguagem. Essa polaridade não significa igualdade nem simetria: *ego* tem sempre uma posição de transcendência quanto a *tu*; apesar disso, nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são

¹³ A citação refere-se ao trecho em francês “L’intersubjectivité peut donc se définir comme un processus interpersonnel d’individuation repousant sur << la polarité des personnes >>” (DESSONS, 2006, p. 108).

complementares, mas segundo uma oposição “interior/exterior”, e ao mesmo tempo são reversíveis. (BENVENISTE, 1991 [1966], p. 286-287)

Assim, o que se pode perceber através de toda a discussão acerca da subjetividade é, essencialmente, que o homem é um ser de linguagem.

Uma vez que “falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza” (BENVENISTE, 1991 [1966], p. 185), homem este que se constitui por meio da e na linguagem, uma visão de tradução como um ato padronizado e instrumentalizado se torna impossível. O tradutor pode ser visto, inicialmente, como um *tu* em relação ao texto-fonte eu, que logo coloca-se na posição de um *eu* que enuncia na medida em que se propõe a traduzir. Desta forma, o enunciado produzido nesta tradução, assim como no texto-fonte, possui um sentido único e individual quando produz um efeito discursivo, que, por sua vez, é resultado das escolhas tradutórias. A subjetividade na tradução pode ser vista não somente nas marcas resultantes das escolhas tradutórias, mas no texto-alvo como um todo. Essa (re)produção de discurso é justamente o que evidencia a subjetividade na tradução e faz com que o tradutor possa emergir no texto traduzido.

2.4.2 Forma e sentido

Ao longo da teoria de Enunciação benvenistiana, as noções de forma e sentido são apresentadas, inicialmente, em “Os níveis da análise linguística”, texto de 1962/1964¹⁴ do livro *PLG I*, onde a preocupação central do autor parece estar centrada em estabelecer de que maneira as análises linguísticas são realizadas.

A partir desta proposta, introduzem as funções de *constituição e integração*¹⁵,

¹⁴ A primeira data, 1962, refere-se à apresentação no *Proceedings of the 9th International Congress of linguistics*. Cambridge. Mass. A segunda data, 1964, refere-se à publicação Mouton & Co.

¹⁵ Quando Benveniste menciona “constituente”, refere-se aos elementos formais das unidades, enquanto “integrante” seriam, então, as unidades significantes.

atreladas, diretamente, às noções de forma e sentido.

Qual é finalmente a função que se pode determinar para essa distinção entre constituinte e integrante? É uma função de importância fundamental. Pensamos encontrar aqui o princípio racional que governa, nas unidades dos diferentes níveis, a relação entre FORMA e SENTIDO. (BENVENISTE, 1991 [1966], p. 134)

Mesmo se tratando de um texto que apresenta uma visão introdutória sobre as noções de forma e sentido, “Os níveis de análise linguística” já carrega consigo a questão sobre como, apesar de tentativas frustradas por parte dos estruturalistas, a forma e o sentido não podem ser observados separadamente, ou seja, não podem ser dissociadas uma da outra.

Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua. As suas relações parecem-nos implicadas na própria estrutura dos níveis e na das funções que a elas correspondem, que aqui designamos *constituente* e *integrante*. (BENVENISTE, 1991 [1966], p. 135)

Neste texto, para Benveniste, a *forma* de uma unidade linguística apresenta-se como a capacidade desta de se dissociar em constituintes de um nível inferior. No entanto, o *sentido* aparece em três noções diferentes ao longo do texto.

Na primeira delas, Benveniste apresenta o sentido como “condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico” (BENVENISTE, 1991 [1966], p. 130). Em um segundo momento, o sentido aparece como a capacidade de uma unidade linguística de se integrar em uma unidade de nível superior. Por fim, Benveniste esclarece que a noção de sentido possui ainda um outro aspecto quando afirma que “na língua organizada em signos, o sentido de uma unidade é o fato de que ela tem um sentido, de que é significante” (BENVENISTE, 1991 [1966], p. 136).

Ao questionar-se sobre *qual* seria esse sentido, Benveniste traz, então, uma reflexão bastante pertinente para tradução:

Quando se diz que determinado elemento da língua, curto ou extenso, tem um sentido, entende-se uma propriedade que esse elemento possui, enquanto significante, de constituir uma unidade distintiva, opositiva, delimitada por outras unidades, e identificável para os locutores nativos, de quem essa língua é a língua. Esse “sentido” é implícito, inerente ao sistema linguístico e às suas partes. [...] Cada enunciado, e cada termo do enunciado, tem assim um *referendum*, cujo conhecimento está implicado pelo uso nativo da língua. (BENVENISTE, 1991 [1966], p. 136-137)

O que Benveniste busca demonstrar é que o *sentido* como um todo não se mantém igual, uma vez que este depende do contexto no qual está inserido.

A noção de sentido enquanto manifestação da língua na comunicação viva, como interação entre homem e sociedade – homem e experiência – volta a ser apresentada dois anos mais tarde em “A forma e o sentido na linguagem”, texto de 1966/1967¹⁶, do livro *PLG II* (1989 [1974]). Benveniste se dedica, então, a discutir o problema há muito anunciado, em “Os níveis de análise linguística”, sobre a impossibilidade de separação entre as noções de forma e sentido, relação a qual muitos linguistas estruturalistas tentam, inutilmente, reduzir unicamente à noção de forma, devido à essência subjetiva do sentido.

Em “A forma e o sentido na linguagem”, Benveniste apresenta as noções de *forma* e *sentido* da seguinte maneira:

Numa primeira aproximação, o sentido é a noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores; e a forma é, do ponto de vista linguístico, (a bem dizer do ponto de vista dos lógicos), ou a matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é excluído ou o arranjo formal destes elementos ao nível linguístico relevante. (BENVENISTE, 1989 [1974], p. 222)

Desta maneira, em “A forma e o sentido da linguagem”, aprofunda-se a discussão levantada em “Os níveis de análise linguística”, e projeta-se a compreensão de que o sentido é, portanto, o mecanismo de comunicação utilizado entre locutores,

¹⁶ A primeira data, 1966, refere-se à fala de Benveniste no congresso *Le langage II (Sociétés de Philosophie de langue Française, Actes du XIII Congrès, Genève)*. A segunda data, 1967, refere-se à publicação Neuchâtel, La Baconnière, p. 29-40.

enquanto a forma é a matéria da comunicação quando o sentido é excluído.

Opor a forma ao sentido é uma convenção banal e os próprios termos parecem assim usados; mas se nós tentarmos reinterpretar esta oposição no funcionamento da língua integrando-a e esclarecendo-a, ela retoma toda sua força e sua necessidade; vemos então que ela contém em sua antítese o ser mesmo da linguagem, pois eis que de um só golpe ela nos coloca no centro do problema mais importante, o problema da significação. (BENVENISTE, 1989 [1974], p. 222)

A partir desta colocação, Benveniste levanta também a problemática da significação, elemento-chave para sequência da discussão proposta no capítulo. O pensamento de Benveniste se desenvolve a partir da afirmação de que “a linguagem significa”, estabelecendo assim o papel primordial da linguagem.

[...] bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver. Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar. Pela amplitude desta definição pode-se medir a importância que deve caber à significação. (BENVENISTE, 1989 [1974], p. 222.)

Desta forma, o autor estabelece que a linguagem é “a atividade significativa por excelência” (BENVENISTE, 1989 [1974] p. 223), mas essa significação da linguagem, no entanto, não pode ser tomada como qualquer coisa que possa ser atribuída a ela, seja por acréscimo ou, até mesmo, por meio de outra atividade; a significação da linguagem tem sua origem na própria linguagem, sendo, assim, parte de sua natureza.

Embora a questão da significação tome para si o foco na discussão apresentada ao longo do texto, o que se pode concluir no que diz respeito às noções de forma e sentido é que, segundo Benveniste, o “sentido” se encontra na totalidade do que é percebido por meio de uma compreensão global; e a “forma”, por sua vez, se encontra através dissociação analítica do enunciado.

A relação entre forma e sentido se estabelece de maneira diferente, quer estejamos diante do sistema da língua, quer estejamos diante do discurso, da frase, ou da enunciação. Para o tradutor literário, o que interessa é a imbricação entre forma e sentido no discurso, na frase e na enunciação, pois é aí que se dá a atividade da tradução.

2.4.3 Semântico e semiótico

Até aqui, é possível perceber que a teoria *benvenistiana* consiste em uma série de conceitos que estão profundamente interligados entre si, fortemente atrelados uns aos outros. Desta forma, dificilmente se chegaria a um algum esclarecimento sobre os conceitos de semântico e semiótico sem antes compreender, mesmo que minimamente, as questões como a da subjetividade e da intersubjetividade e, principalmente, as questões do âmbito da forma e do sentido.

Sem dúvida, “Semiologia da língua”, texto de 1969, apresentado logo no início do livro *PLG II*, é uma peça-chave de toda a reflexão benvenistiana. É neste capítulo que Benveniste se dedica a ampliar as noções de semântico e semiótico para além do que é proposto por outros de seus textos, mas é em “A forma e o sentido na linguagem” onde ocorre uma primeira definição de semântico e semiótico, quando Benveniste estabelece que existem duas maneiras de ser língua no âmbito do sentido e da forma: uma delas é a semiótica e a outra é a semântica.

A natureza semiótica parece ser comum a todos os comportamentos que se institucionalizam na vida social, porque são entidades de dupla face, semelhante ao signo linguístico. E esta faculdade semiótica comum compõe, para cada conjunto, um sistema [...] A noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação; vemos desta vez a função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens. É a língua como instrumento da descrição e do raciocínio. (BENVENISTE, 1989 [1974], p. 228-229)

O autor esclarece, ainda em “A forma e o sentido na linguagem”, que os conceitos de semântico e semiótico são considerados como a melhor forma de definir as duas modalidades fundamentais da função linguística: “aquela de significar para a semiótica, aquela de comunicar para a semântica” (BENVENISTE, 1989 [1974], p. 230). O que se pode compreender, de forma resumida, a partir da definição apresentada por Benveniste é que o semiótico é compreendida como uma propriedade da língua, enquanto o semântico é compreendida como o resultado de uma atividade do homem que, constantemente, coloca a língua em ação.

Ainda abordando a temática da semântico Benveniste afirma que: “Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e por consequência a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência” (BENVENISTE, 1989 [1974], p. 229).

No texto “Semiologia da língua”, Benveniste introduz, então, a noção de dupla significância quando coloca: “A língua combina dois modos distintos de significância, que denominados modo SEMIÓTICO por um lado, e modo SEMÂNTICO, por outro” (BENVENISTE, 1989 [1974], p. 64). Aqui, o semiótico possui, essencialmente, o papel de designar o que é próprio da significação do signo linguístico, enquanto o semântico desempenha o papel de designar o que é próprio do discurso. Para o autor, “o semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO.” (BENVENISTE, 1989 [1974], p. 66).

Durante a discussão sobre os conceitos de semântico e semiótico, Benveniste ([1966; 1974]1991; 1989) traz, novamente, uma questão que é de extrema importância para a tradução quando coloca que:

Pode-se transpor o semantismo de uma língua para o de uma outra, “*salva verite*”; é a possibilidade da tradução; mas não se pode transpor o semioticismo de uma língua para o de uma outra; é a impossibilidade da tradução. Atinge-se aqui a diferença entre semiótico e semântico. (BENVENISTE, 1989 [1974], p. 233)

Desta forma, entende-se que o ato tradutório sempre ocorre dentro do domínio do semântico, uma vez que o semântico se trata “do que se pode chamar o intencionado, do que o locutor quis dizer, da atualização linguística de seu pensamento” (BENVENISTE, 1989 [1974], p. 229).

Em suma, o que se pode concluir a partir das colocações do autor é que: o semiótico refere-se ao mundo fechado dos signos de uma língua, sendo assim as relações estabelecidas entre os signos são de ordem *paradigmática*; o semântico, por sua vez, refere-se à significância da língua em seu funcionamento discursivo, dessa forma, as relações passam a não ser estabelecidas entre os signos, e sim entre as palavras, sendo então de ordem *sintagmática*.

Tendo em mente a discussão levantada por Benveniste (1991; 1989 [1966; 1974]), que serve como suporte para fundamentar a temática da invisibilidade levantada por Venuti (2019; 2021 [1998; 1994]), o que se pretende a seguir é a apresentação do objeto de estudo e a realização das análises, no domínio do semântico proposto por Benveniste, possibilitando a consideração da tradução como um discurso em que se encontram, indissociavelmente, língua, homem, cultura e sociedade.

3. *Milk and honey e the sun and her flowers*

Rupi Kaur, poeta feminista contemporânea e artista de poesia falada (*spoken word*), ganhou notoriedade como poeta e ilustradora em 2014 através da publicação de poemas e ilustrações próprias em redes sociais como o *Tumblr* e *Instagram*, sendo considerada um ícone do movimento emergente *Instapoets*. Kaur, que conta com um alcance de mais de um milhão de seguidores em suas redes sociais, decidiu publicar em 2014, de forma totalmente independente, o seu primeiro livro de poesias, prosa e ilustrações intitulado *milk and honey*. A popularidade estrondosa do livro rendeu uma segunda impressão 2015 por meio da editora *Andrews McNeel Publishing*, alcançou recorde de vendas mundial e conquistou também uma posição de prestígio na lista de mais vendidos do *New York Times*.

O livro *milk and honey* (2015) – dividido em quatro partes intituladas como “*the hurting*”, “*the loving*”, “*the breaking*” e “*the healing*” – aborda temáticas como assédio, sexismo, violência doméstica e sexual, opressão, maternidade, relacionamentos, perda, amor, trauma e sobrevivência e conta com ilustrações autorais de Kaur.

Kaur possui uma escrita simples e intimista, com versos curtos e de linguagem acessível e algumas das características mais marcantes de sua escrita são: a escrita que se utiliza-se apenas de letras minúsculas, a ausência de qualquer outro sinal de pontuação que não seja o ponto final e a ausência de títulos em grande parte dos seus poemas.

A autora que nasceu em Punjab, região localizada ao norte da Índia, e imigrou com os pais para o Canadá aos quatro anos de idade explica que essa característica de sua escrita parte de sua vontade de preservar sua cultura de origem. Desta forma, em sua escrita, Kaur procura homenagear sua língua materna, o Punjabi, cuja escrita tradicional é o Gurmukhi, onde, naturalmente, não se utiliza a letra maiúscula e tem-se como pontuação única o ponto final.

A escolha do título *milk and honey* – em tradução literal leite e mel – origina-se de um poema escrito por Kaur sobre o genocídio do povo Sikh que ocorreu em 1984. Kaur é descendente dos Sikh, povo massacrado e perseguido pela sua religião, e em um dos versos, que trata especificamente sobre o sofrimento das mulheres Sikh, a autora escreve que elas se tornaram “suaves como o leite, mas fortes como o mel”. Em seu site oficial, Kaur também explica que em sua cultura de origem o leite e o mel, além de serem mencionados em escrituras sagradas de várias religiões, sempre

foram usados como ingredientes curativos para reparar o interior do corpo, e que essa também seria a finalidade de sua poesia.

No Brasil, o primeiro livro de Kaur foi publicado em 2017 pela Editora Planeta, traduzido pela escritora, poeta e tradutora Ana Guadalupe, também é dividido em quatro partes intituladas como: *a dor, o amor, a ruptura e a cura*. O título escolhido pela tradutora, *outros jeitos de usar a boca*, também faz alusão a um poema de Kaur, mas este, no entanto, não possui um significado tão profundo quanto *milk and honey* (2015). Guadalupe preserva a escolha de Kaur por uma escrita que utiliza apenas letras minúsculas e o ponto final e afirma que uma das maiores dificuldades na tradução dos poemas foi propor soluções que respeitassem a mistura feita de elementos da linguagem.

Com o sucesso mundial de *milk and honey* (2015), Kaur, então, lançou em 2017, também pela editora *Andrews McNeel Publishing*, o seu segundo livro intitulado como *the sun and her flowers*.

Embora apresente alguns poemas mais longos, a escrita de Kaur permanece simples, intensa, de linguagem acessível e grande parte de seus versos ainda são curtos. O livro *the sun and her flowers* (2017) preserva muitas das temáticas abordadas por Kaur em *milk and honey* (2015), mas aprofunda questões sobre imigração, fala abertamente sobre a travessia que precisou fazer quando ainda era criança no processo de mudança da Índia para o Canadá, a relação com a família e o processo de adaptação em um lugar desconhecido, sendo um livro voltado, principalmente, para o crescimento e o desejo de honrar as raízes. Como *milk and honey* (2015), o livro também é dividido em partes, desta vez focadas no processo de crescimento de uma flor, intituladas como: *wilting, falling, rooting, rising e blooming*.

No Brasil, a publicação do livro foi feita em 2018, também pela Editora Planeta, e a tradução permaneceu sob responsabilidade de Ana Guadalupe, que desta vez optou por traduzir o título como *o que o sol faz com as flores*. As cinco partes que compõem o livro foram intituladas como: *murchar, cair, enraizar, crescer e florescer*.

3.1 Análises

É importante ressaltar que a análise proposta por este estudo não consiste em uma crítica à tradução de Ana Guadalupe. Assim como Venuti aborda em sua obra

sobre a invisibilidade na tradução, a intenção deste é descrever e explicar o efeito que as escolhas tradutórias realizadas nas traduções para português brasileiro de *milk and honey* (2015) e *the sun and her flowers* (2017) produzem, contribuindo para a compreensão de como se constrói a subjetividade na tradução literária.

As questões levantadas aqui visam a, longe de um apontamento crítico sobre escolhas consideradas certas ou erradas, observar – dentro do domínio da semântica proposta por Benveniste ([1966; 1974]1991; 1989) – de que forma a subjetividade da tradutora pode ser percebida em *outros jeitos de usar a boca* (2017) e *o que o sol faz com as flores* (2018). A partir de escolhas tradutórias que propõe em menor ou maior medida deslocamentos de sentido em relação ao texto-alvo, a intenção é apontar para a construção de subjetividade na tradução literária e a (im)possibilidade de (in)visibilidade do tradutor, uma vez que este pode se fazer tão presente no texto-alvo quanto o autor responsável pelo texto-fonte.

Outra questão de extrema importância para quem se propõe a realizar uma análise de escolhas tradutórias, é ter a clareza de que a tradução, evidentemente, não é o reflexo exato do texto-fonte, não podendo ser considerada como a cópia idêntica do “original”. A tradução, antes de qualquer coisa, consiste em uma leitura atenta e detalhada do texto a ser traduzido, e que, por fim, traz como resultado o texto-alvo. O tradutor, durante o processo tradutório, consulta diversos materiais tanto na língua-fonte quanto na língua-alvo, circulando entre gramáticas e dicionários, ao mesmo tempo em que utiliza outros textos, além de empregar estratégias discursivas específicas para a tradução de valores, crenças, paradigmas e ideologias impregnados na língua. No entanto, o tradutor não possui um controle ou uma consciência plena do que é produzido a partir de suas escolhas tradutórias, e da mesma forma que ocorre com o texto-fonte, não é possível prever todos os efeitos de sentido possíveis em uma tradução.

O tradutor, inicialmente, pode ser visto como um *tu* na medida em que tem acesso ao discurso produzido pelo *eu*, aquele que emerge do texto-fonte, e que logo em seguida coloca-se na posição desse *eu* quando passa a produzir um discurso através da sua leitura e, conseqüentemente, da sua tradução.

O material selecionado para análise é composto por poemas dos livros *milk and honey* (2015) e *the sun and her flowers* (2017), a partir do cotejo com as suas respectivas traduções *outros jeitos de usar a boca* (2017) e *o que o sol faz com as flores* (2018).

No primeiro poema a ser apresentado, “*the art of being empty*” do livro *milk and honey* (2015), Kaur traz a temática do trauma quando aborda a sensação de vazio que carrega desde o nascimento, a família que limita as mulheres à posição de alguém invisível, e as pessoas que apenas reforçam esse sentimento angustiante. Na tradução de Ana Guadalupe em *outros jeitos de usar a boca* (2017), pode-se observar construções muito próximas às do poema na língua-fonte, no entanto há também algumas pequenas escolhas que podem ser problematizadas aqui, na medida em que ficam mais evidentes outras possibilidades de escolhas em língua portuguesa e os efeitos de sentido que as diferentes escolhas podem produzir.

Tabela 1 – Cotejo de *the art of being empty* e *a arte de se esvaziar*

Língua-fonte (inglês) <i>milk and honey - the art of being empty</i> página 33	Língua-alvo (português brasileiro) <i>outros jeitos de usar a boca – a arte de se esvaziar</i> página 33
01 emptying out of my mother’s belly/was	01 deixar a barriga da minha mãe vazia /foi
02 my first act of disappearance/learning to	02 meu primeiro ato de
03 shrink for a family/who likes their	03 desaparecimento/aprender a encolher para
04 daughters invisible/was the second/the	04 uma família/que gosta de ver suas filhas
05 art of being empty /is simple/believe	05 invisíveis/foi o segundo/a arte de se
06 them when they say/you’re	06 esvaziar / é simples/acredite quando eles
07 nothing/repeat it to yourself/like a wish /i	07 dizem/que você não é nada/vá
08 am nothing/i am nothing/i am nothing/ so	08 repetindo/como um mantra /eu não sou
09 often /the only reason you know/you’re	09 nada /eu não sou nada/eu não sou nada/ tão
10 still alive is from the/heaving of your	10 concentrada /que o único jeito de saber/que
11 chest	11 você ainda existe é/o seu peito ofegante

Fonte: Texto-fonte Kaur (2015) e texto-alvo tradução de Guadalupe (2017).

Logo na primeira linha do texto-fonte, Kaur inicia o poema estabelecendo uma ação quando coloca a expressão “*emptying out*”, referindo-se ao ato de desaparecer da barriga de sua mãe ao nascer. No texto-alvo, quando Guadalupe traduz o primeiro verso como “deixar a barriga da minha mãe vazia”, encontra-se uma ambiguidade que não está demarcada no texto-fonte. O “vazia” de Guadalupe ainda sugere a ideia de deixar a barriga da mãe, mas ao mesmo tempo também pode agregar o sentido de que vazia, na verdade, é a voz do poema que está referindo-se a si mesma.

Na linha de número 05 do texto-fonte, Kaur utiliza o verbo “*be*” para significar a ideia de “ser” quando coloca “*being empty*”, que poderia ser simplesmente traduzido para português brasileiro como “ser/estar vazia”. No texto-alvo, no entanto, Guadalupe apresenta uma outra opção quando traduz “*being empty*” como “se esvaziar”. A tradutora oculta o verbo inglês *be* quando opta por deixar a ação por conta do verbo

“esvaziar”.

Quando opta por traduzir desta forma, Guadalupe agrega ao poema uma ação, como algo que é constantemente realizado, alterando o sentido construído por Kaur como algo que se é, ou um “estar”. Enquanto o texto-fonte sugere uma ideia de ser vazia de uma forma quase passiva, o texto-alvo demarca uma ação muito mais forte.

Já na linha de número 07 do texto-fonte, Kaur utiliza a expressão “*like a wish*”, em tradução livre, “como um desejo”. Neste trecho, Guadalupe se depara com uma questão linguística que remete mais explicitamente a uma questão cultural, uma vez que no português brasileiro não é comum o uso dessa expressão. Guadalupe, portanto, decidiu por adaptar a expressão relacionada à cultura da língua de chegada ao traduzir “como um mantra”. Além de ser uma expressão mais recorrente no contexto brasileiro, o mantra sugere a noção de repetição, ao mesmo tempo que declara algo que quem o entoia deseja muito alcançar.

Outra questão significativa pode ser observada na linha de número 09, Kaur utiliza o advérbio de frequência “*often*”, usado para indicar a frequência quantitativa de uma ação. Neste contexto, poderia ser simplesmente traduzido como “tanto”, “frequentemente”, “com tanta frequência”, “tantas vezes”, dentre outras opções capazes de demarcar a repetição mencionada por Kaur no ato de repetir “*i am nothing*”. Guadalupe, por sua vez, traz uma alteração quando oculta o advérbio de frequência e acaba substituindo-o pelo adjetivo “concentrada”. Essa escolha tradutória oculta o advérbio de frequência demarcado por Kaur, no entanto, concorda com a tradução da expressão “como um mantra”, que por si só seria capaz de preservar a noção de repetição. Desta forma o sentido intencionado com o uso de *often* não é totalmente perdido na tradução, mas sofre um deslocamento e perde parte da ênfase que *often* era capaz de significar no texto-fonte.

Nas linhas finais do poema, mais especificamente a linha de número 10 do texto-fonte, Kaur faz uso do adjetivo “*alive*”, que poderia ser traduzido para português brasileiro como “viva”. Na linha de número 11 do texto-alvo, a escolha tradutória de Guadalupe para o adjetivo se apresenta como “existe”. Ambas as palavras carregam o mesmo significado de existência e de vida, no entanto, optar por trazer a “existência” para o foco da frase parece suavizar o tom melancólico que a escolha de Kaur agrega ao poema.

Neste poema em particular, os deslocamentos de sentido texto-alvo em relação ao texto fonte são pequenos, mas ainda assim são capazes de causar alterações de

sentido na realização de adequações linguístico-culturais, que, por sua vez, são sustentadas por outras escolhas tradutórias. Essas escolhas, muitas vezes, acabam por deslocar o sentido intencionado no texto-fonte de um ponto do poema para outro, em uma tentativa de produzir ao leitor um texto que lhe seja “familiar” ou “fluyente” e que, por sua vez, não cause grande estranheza.

No poema selecionado a seguir, também do livro *milk and honey* (2015), é possível observar outros exemplos das escolhas tradutórias de Guadalupe em *outros jeitos de usar a boca* (2017). O poema não nomeado de Kaur aborda a temática de relacionamentos, ao trazer para o foco o ponto de vista de uma pessoa que, aparentemente, sempre espera o melhor do próximo. Abaixo, pode-se observar as alterações mais evidentes no texto-alvo em relação ao texto fonte.

Tabela 2 – Cotejo de poema sem nome em *milk and honey* e *outros jeitos de usar a boca*

Língua-fonte (inglês) <i>milk and honey</i> - página 106	Língua-alvo (português brasileiro) <i>outros jeitos de usar a boca</i> – página 106
01 you <u>treat them</u> like they/have <u>a heart</u>	01 você <u>os encara</u> como se/ <u>tivessem o</u>
02 <u>like yours</u> /but not everyone can be	02 <u>seu coração</u> /mas nem todo mundo
03 as/soft and as tender/you don't see	03 é/tão suave e sensível/você não vê
04 the/person they are/you see the	04 quem/eles são/você vê quem/ <u>podem</u>
05 person/they have <u>the potential to be</u> /you	05 ser/você dá cada vez mais até/que
06 give and give till/they pull everything out	06 arranquem tudo o que você tem/e te
07 of you/and leave you empty	07 deixem vazia

Fonte: Texto-fonte Kaur (2015) e texto-alvo tradução de Guadalupe (2017).

Logo na primeira linha, Kaur utiliza o verbo “*treat*”, que poderia ser facilmente traduzido como “tratar”. Guadalupe, por sua vez, opta por traduzir utilizando o verbo “encara”. A escolha tradutória, que altera o verbo utilizado, é capaz de sugerir ao leitor uma impressão mais ativa em relação ao texto-fonte.

No entanto, a escolha tradutória apresentada na linha de número 02 do texto-alvo – “tivessem o seu coração” – é capaz também de produzir um significado mais ambíguo em relação ao texto-fonte. Onde Kaur coloca “*they have a heart like yours*”, em tradução literal “eles têm um coração como o seu”, Guadalupe oculta o uso da preposição *like* utilizada no texto-fonte, perdendo, assim, o sentido de comparação intencionado por Kaur.

Outra questão apresenta-se na linha de número 04 do texto-alvo. Guadalupe traduz “*they have the potential to be*” como “podem ser”. Neste caso, Guadalupe poderia também optar por traduzir como “poderiam ser”, mas essa escolha tradutória poderia sugerir uma compreensão diferente da que Kaur apresenta com “potencial”

no texto-fonte, uma vez que este “poderiam” não implica necessariamente no potencial que a voz no poema em texto-fonte afirma que as essas pessoas possuem.

No decorrer do poema, Guadalupe, aparentemente, constrói um sentido mais ativo ao leitor e ocorre uma perda significativa com o apagamento da intenção de comparação demarcada por Kaur.

No poema seguinte nomeado como *time*, do livro *the sun and her flowers* (2017), Kaur aborda, novamente, a temática de relacionamento. Abaixo, podem-se observar algumas das alterações feitas por Guadalupe na tradução de *o que o sol faz com as flores* (2018).

Tabela 3 – Cotejo de *time* e *tempo*

Língua-fonte (inglês) <i>the sun and her flowers - time</i> página 55	Língua-alvo (português brasileiro) <i>o que o sol faz com a flores – tempo</i> página 55
01 <i>rise/said the moon/and the new day</i>	01 <i>levanta/disse a lua/e nasceu um novo</i>
02 <i>came/the show must go on said the</i>	02 <i>dia/o show tem que continuar disse o</i>
03 <i>sun/life does not stop for anybody/it</i>	03 <i>sol/a vida não para por ninguém/te puxa</i>
04 drags you by the legs /whether you	04 pelo pé /quer você queira quer não/essa
05 want to move forward or not/that is the	05 é a graça /a vida exige que você
06 gift /life will force you to forget how you	06 esqueça a saudade /a pele se
07 long for them/your skin will shed till	07 desprende até que não reste/parte
08 there is not/a single part of you left	08 alguma de você que ele tenha
09 they 've touched/ your eyes finally just	09 tocado/seus olhos finalmente são só
10 your eyes/not the eyes which held	10 seus olhos/não os olhos que olharam
11 them /you will make it to the end / of	11 para ele /você vai chegar ao fim e
12 what is only the beginning/go on/open	12 além/disso que é só o começo/vai
13 the door to the rest of it	13 lá/abre a porta para o mundo

Fonte: Texto-fonte Kaur (2017) e texto-alvo tradução de Guadalupe (2018).

Na linha de número 04 do texto-fonte, Kaur traz a expressão “it drags you by the legs”, que poderia ser facilmente traduzida como “arrasta você pelas pernas”, que é uma expressão comum para falantes de língua inglesa. O verbo de língua inglesa *drag* constrói a ideia de alguém que é arrastado contra vontade, neste caso, pelas pernas.

Na linha de número 03 do texto-alvo, pode-se observar como Guadalupe opta por traduzir o verbo *drag* como “puxa”, e a expressão *it drags you by the legs* do texto-fonte acaba sendo apresentada na tradução com “puxa pelo pé”, expressão que é mais recorrente na língua portuguesa.

Na linha de número 06 do texto-fonte, Kaur utiliza o substantivo de língua inglesa “*gift*”. Neste contexto, *gift* poderia ser traduzido como “dádiva”, ou até mesmo

“benção”. Guadalupe opta pelo substantivo “graça” na tradução, o que permite ter acesso à ideia de “dádiva” apresentada por Kaur no texto-fonte, mas ao mesmo tempo também pode causar um efeito de duplo sentido ao produzir a ideia de graça como algo que pode ser considerado engraçado, ou graça como algo que dá sentido à vida, sem condicionar-se unicamente a noção de algo divino. Desta forma, a escolha tradutória de Guadalupe neste trecho acaba por deslocar o sentido sugerido no texto-fonte ao não sugerir apenas o “presente divino”, dando abertura para uma interpretação mais ampla em relação ao texto-fonte.

Na linha de número 07 do texto-fonte, Kaur utiliza o verbo em inglês “*long*” para expressar o sentimento de alguém que deseja/almeja muito que algo aconteça. O verbo *long* pode ser traduzido para português brasileiro como “ansiar” ou “almejar”. Guadalupe, no entanto, opta por traduzir o verbo substituindo-o pelo substantivo “saudade”, como pode-se observar na linha de número 06 do texto-alvo. Embora ambas as expressões sejam capazes de construir uma ideia semelhante ao leitor, elas impactam a construção de sentido de formas distintas.

Nas linhas de número 11 e 12 do texto-fonte, Kaur coloca “*you will make it to the end/of what is only the beggining*”, que poderia ser traduzido “você vai chegar ao fim/do que é apenas o começo”. Nas linhas de número 11 e 12 do texto-alvo Guadalupe traz um acréscimo em sua tradução quando propõe “você vai chegar ao fim e além/disso”, visando a uma ideia de continuidade que não se apresenta de forma tão marcada no texto-fonte.

No trecho final do poema, linha 13, Kaur coloca “*the rest of it*”, que poderia ser traduzido como “o resto disso”. No texto-alvo, Guadalupe opta por traduzir *the rest of it* como “mundo”.

Neste poema, Guadalupe novamente faz escolhas que visam a uma adequação linguístico-cultural quando troca “*it drags you by the legs*” por “puxa pelo pé”, ou ainda quando substitui o verbo *long* por saudade, que é uma expressão tipicamente brasileira e que não possui uma expressão correspondente equivalente em língua inglesa. A tradutora também traz acréscimos para o texto-alvo que, originalmente, não estavam presentes no texto-fonte quando coloca “você vai chegar ao fim e além/disso que é só o começo”, demarcando ainda mais uma ideia de continuidade, além de optar por abarcar a amplitude do que seria “*the rest of it*” com a adição da palavra “mundo”.

Outra questão que pode ser observada neste poema é o uso do pronome “*they*” no texto-fonte, característica recorrente na escrita de Kaur e que dificilmente marca um gênero específico em seus poemas. Essa escolha de Kaur não permite saber se a autora está se referindo a um homem ou a uma mulher, uma vez que a tradução de *they* permite ambas as possibilidades, podendo ser tanto ela/ele quanto elas/eles. No entanto, na tradução para português brasileiro, Guadalupe sempre opta por traduzir *they* como *ele* ou *eles*. A intenção com este apontamento não é necessariamente levantar uma discussão sobre o uso de gênero neutro na escrita, uma vez que o pronome ele pode ser considerado como o pronome neutro na língua portuguesa, mas ressaltar que essa escolha tradutória não abre tantas possibilidades quanto o uso do *they* na língua inglesa, podendo resultar em uma alteração mais significativa de sentido a partir do momento em que esse *ele* é inserido no texto-alvo. Neste poema, o uso de *they* e *them* empregado por Kaur no texto-fonte permite pensar, para além da questão de gênero, que a autora poderia, por exemplo, estar se referindo a mais de uma pessoa. No texto-alvo, ao referir-se a um *ele*, Guadalupe demarca como sendo uma única pessoa.

No poema não nomeado da página 132 do livro *the sun and her flowers* (2017), apresentado na tabela a seguir, Kaur traz a temática religiosa apresentando a sua visão de deus.

Tabela 4 – Cotejo de poema não nomeado em *the sun and her flowers* e o que o sol faz com as flores

Língua-fonte (inglês) <i>the sun and her flowers</i> – página 132	Língua-alvo (português brasileiro) <i>o que o sol faz com a flores</i> – página 132
01 my god/is not waiting inside a church/or	01 meu deus/não espera dentro da igreja/ou
02 sitting above the temple’s steps/my	02 na escadaria do templo/meu deus/é o
03 god/is the refugee’s breath as she’s	03 fôlego da refugiada que corre/ é a barriga
04 running/ is living in the starving child’s	04 da criança com fome/é o batimento no
05 belly/is the heartbeat of the protest/my	05 peito do protesto/meu deus/não descansa
06 god/does not rest between	06 entre as páginas escritas por homens
07 pages/written by holy men /my	07 sábios /meu deus/mora entre as coxas
08 god/lives between the sweaty thighs/of	08 suadas/das mulheres vendidas por
09 women’s bodies sold for money/was	09 dinheiro/foi visto pela última vez lavando
10 last seen washing the homeless man’s	10 os pés de um mendigo/meu deus/não é
11 feet/my god/is not unreachable	11 tão distante /quanto eles às vezes
12 as/they’d like you to think /my god is	12 dizem /meu deus pulsa dentro da gente
13 beating inside us infinitely	13 infinitamente

Fonte: Texto-fonte Kaur (2017) e texto-alvo tradução de Guadalupe (2018).

Na linha de número 04 do texto-fonte, quando Kaur utiliza o verbo “*live*”, que poderia ser traduzido como “vive”, Guadalupe opta por ocultar o verbo utilizado por Kaur no texto-fonte quando traduz o trecho de língua inglesa “*is living in the starving child’s belly*” como “é a barriga da criança com fome”. Guadalupe traz um deslocamento maior de sentido quando oculta a ação de que Deus “vive” ao construir a significação de que o deus que Kaur apresenta, na verdade, “é” a barriga da criança.

Na sequência, na linha de número 07 do texto-fonte, Kaur utiliza o adjetivo “*holy*”, que poderia ser simplesmente traduzido como “sagrado”. Na linha de número 07 do texto-alvo pode-se observar a alteração do efeito de sentido quando Guadalupe opta por utilizar o adjetivo “sábio” no lugar de “sagrado”. No texto de Kaur, constrói-se a ideia dos homens que escreveram a Bíblia – o livro sagrado – e que, por esse motivo, são considerados quase como seres divinos, enquanto a escolha tradutória de Guadalupe oculta o sentido de sagrado que é ressaltado por Kaur, podendo construir a imagem de alguém que apenas possui um grande conhecimento. Na linha de número 11 do texto-fonte, Kaur utiliza do adjetivo “*unreachable*”, que poderia ser traduzido como “inalcançável”. No texto-alvo, Guadalupe apresenta novamente uma alteração quando opta por traduzir *unreachable* como “distante”, trazendo novamente uma alteração significativa do sentido do texto-alvo em relação ao texto-fonte, uma vez que os adjetivos “inalcançável” e “distante” são capazes de construir uma ideia semelhante, mas ainda assim divergem em alguns pontos. O adjetivo *unreachable* refere-se a algo que pode ser considerado quase impossível, enquanto a distância referida por Guadalupe parece ser uma questão que poderia ser contornada mais facilmente. Ainda na linha de número 12 do texto-fonte, Kaur coloca “*they’d like you to think*”, o que poderia ser traduzido para português brasileiro como “eles gostariam que você pensasse/achasse”. Novamente, pode-se observar uma alteração de sentido significativa em relação ao texto-fonte quando Guadalupe opta por traduzir como “quanto às vezes eles dizem”. A escolha tradutória altera totalmente o sentido da frase apresentada no texto-fonte, construindo a ideia de uma ação totalmente diferente da que é descrita por Kaur. Neste poema, as escolhas tradutórias de Guadalupe causam alterações significativas para a construção do poema como um todo. O deus de Kaur ainda se faz presente, mas há uma quebra em pontos muito significativos quando observa-se o texto-fonte em relação ao texto-alvo. Kaur marca no texto-fonte uma ideia de sagrado fortemente marcada, enquanto Guadalupe oculta essa noção.

No poema *ode to matisse's dance*, do livro *the sun and her flowers* (2017), Kaur traz novamente a temática deus ao apresentar o que seria uma fala de sua mãe no momento de seu nascimento. A seguir, podem-se observar as alterações causadas pelas escolhas tradutórias de Guadalupe em *o que o sol faz com as flores* (2018) em relação ao texto de Kaur.

Tabela 5 – Cotejo de *ode to matisse's dance* e *ode a dança*, de matisse

Língua-fonte (inglês) <i>the sun and her flowers – ode to matisse's dance</i> página 203	Língua-alvo (português brasileiro) <i>o que o sol faz com as flores – ode a dança, de matisse</i> página 203
01 upon my birth/my mother	01 na hora do meu parto/minha mãe
02 said/ <i>there is god in you</i> /can you	02 disse/ <i>deus mora em</i>
03 feel <i>her dancing</i>	03 <i> você/consegue sentir sua dança</i>

Fonte: Texto-fonte Kaur (2017) e texto-alvo tradução de Guadalupe (2018).

Na linha de número 03, o texto-fonte traz de forma muito clara a presença de um “*her*” (ela), a qual Guadalupe oculta no texto-alvo. O uso do pronome *her* por parte de Kaur sugere que o deus mencionado na linha de número 02 do texto-fonte pode ser, na verdade, uma deusa.

Por ser de família de origem indiana, Kaur está inserida dentro de uma cultura que cultua diversos deuses, onde a religião predominante é politeísta. A figura de deusas é comum e muito recorrente nesta, sendo as deusas consideradas como figuras muito fortes dentro da religião, além de esbanjarem a essência feminina. No Brasil, no entanto, a religião predominante é monoteísta e prega a existência de um único deus homem.

O que se pode observar neste poema é, novamente, a demarcação do gênero, que dessa vez se apresenta de forma muito mais marcada no texto-fonte, além de uma questão que também pode ser considerada como linguístico-cultural. A partir de sua escolha tradutória de ocultar o pronome *her*, Guadalupe visa à adequação linguístico-cultural, trazendo, assim, o poema para dentro do contexto cultural da língua-alvo quando apresenta um deus diferente do mencionado por Kaur no texto-fonte. Outra questão importante é o uso de “deus” em letras minúsculas. A escolha se justifica pelo uso da língua materna de Kaur, mas ao mesmo tempo é capaz de causar um efeito considerável na produção de sentido de ambos os textos. A escrita de “deus” com letra maiúscula, geralmente, refere-se ao deus de religiões monoteístas, como a religião cristã, por exemplo. Utilizar a letra minúscula na escrita,

além de respeitar a língua materna de Kaur, também confere a esse deus uma posição distinta dentro da cultura de chegada, e reafirma, mais uma vez, que o “deus” mencionado não se trata do mesmo deus cultuado pela religião cristã.

Considerações finais

Partindo do princípio de que nenhuma tradução é capaz de oferecer acesso total e imediato ao texto-fonte, e que qualquer texto será sempre disponibilizado, inevitavelmente, através de algum tipo de mediação – neste caso, o tradutor – é inegável o fato de que o texto-fonte passa, de alguma forma, por uma transformação ao passar pelo processo tradutório. O tradutor pode sempre trabalhar de forma árdua para manter a correspondência semântica e a aproximação estilística, mas o texto-fonte, inevitavelmente, sempre acaba passando por um processo de descontextualização e recontextualização na medida em que para adentrar a língua-cultura receptora é necessário reconstruí-lo. A língua-cultura receptora é o que dita a forma como a tradução do texto-fonte deve ser construída, dentro de contextos que Venuti (2021 [1994]) esclarece que são, ao mesmo tempo, intra e intertextuais, interdiscursivos e intermediários, institucionais e sociais. Por meio de um duplo processo de assimilação, o tradutor é, então, responsável por administrar as diferenças culturais e linguísticas presentes no texto-fonte e aplicar a estratégia de tradução que julgar como a mais adequada.

Essa questão cultural possui uma conexão profunda com o que afirma Benveniste (1991; 1989 [1966; 1974]) sobre a relação língua e cultura, uma vez que, a cultura – que constitui e é constituída pela linguagem – seria, então, responsável por construir também o homem, neste caso o tradutor, mediando a forma como o texto-alvo é produzido.

As escolhas tradutórias de Ana Guadalupe, em *outros jeitos de usar a boca* (2017) e *o que o sol faz com as flores* (2018), foram, muitas vezes, guiadas pela questão cultural, evidenciando o forte domínio da língua-cultura receptora no processo tradutório. Entre perdas e ganhos, típicos no âmbito da tradução, a subjetividade tradutória acaba por emergir ao longo de todo o texto, – não só nos trechos destacados durante as análises – evidenciando a presença de uma tradutora cada vez que opta por adequar um verbo outro, quando demarca o pronome utilizado no texto-fonte ou decide apenas ocultá-lo, quando toma decisões visando a alcançar um equilíbrio entre o texto-fonte e a cultura dominante receptora, a fim de produzir um texto que seja familiar para o leitor inserido no contexto da língua-cultura receptora. As marcas que evidenciam a presença da tradutora estão presentes desde a escolha da tradução para o título dos livros. No entanto, partindo do ponto de que o sujeito

discursivo evidencia marcas de escolhas linguísticas ao mesmo tempo em que também é construído pelo discurso, é importante ressaltar que a tradutora não possui pleno controle sobre o seu dizer, algo sempre lhe escapa.

A tradução não pode e não deve ser vista como um ato padronizado e está sempre em um processo de constante mudança. Da mesma forma como a enunciação que é retratada por Benveniste (1989 [1974], p. 82) como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, a tradução também se trata de um ato único e individual. Assim como jamais dizemos duas vezes a mesma coisa, um mesmo tradutor jamais irá traduzir o mesmo texto da mesma forma. A tradução se (re)cria a cada vez que é realizada, portanto, conforme aponta Henry Meschonnic em a Poética do Traduzir (2010 [1999]), só existem retraduições. Há singularidade na produção discursiva na tradução que, conseqüentemente, aponta para a existência da tradutora, e as escolhas tradutórias são justamente o que aponta para um ponto de vista construído pelo texto como um todo.

Estabelecer a existência de um ato discursivo na tradução, que nada mais é do que uma manifestação da subjetividade, permite que se aponte para a existência de um sujeito que se constitui através da linguagem. Guadalupe propõe de forma brilhante a essência e a carga emocional dos textos de Kaur, mas a partir de suas escolhas tradutórias, – mesmo que estas, muitas vezes, pudessem almejar a ilusão de transparência e fluência – conscientes ou não, a tradutora evidencia a sua presença quando aponta para um ponto de vista que não é necessariamente o dos textos de Kaur. Guadalupe se mostra, não por imperfeições ou erros de tradução, mas através do discurso que é produzido devido às suas escolhas tradutórias. Desta forma, é possível afirmar que há subjetividade em todo e qualquer ato de linguagem, inclusive na tradução, o que (im)possibilita a (in)visibilidade do tradutor.

Referências

ANJOS, A. G dos. **Lavrar a névoa**: o tempo em satolep, de Vitor Ramil. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

ARROJO, R. **Oficina de Tradução**: a teoria na prática. Porto Alegre: Editora Ática, 2006.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução: Maria da Glória Novack e Maria Luiza Neri. Campinas, São Paulo: Pontes, 1991.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução: Eduardo Guimarães, Marco Antônio Escobar, Rosa Attié Figueira, Vandarsi Sant’Ana Castro, João Wanderlei Geraldi, Ingedore G. Villaça Koch. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.

DESSONS, G. **Émile Benveniste, L’invention du discours**. França: Éditions IN PRESS, 2006.

FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

HERMANS, T. **The manipulation of Literature**: Studies in Literary Translation. Londres & Sydney: Croom Helm, 1985.

HERMANS, T. **The Translator’s Voice in Translated Narrative**. In: Target 8, 1, 23-48, 1996.

KAUR, R. **milk and honey**. Estados Unidos: Andrews McMeel Publishing, 2015.

KAUR, R. **outros jeitos de usar a boca**. Tradução: Ana Guadalupe. São Paulo: Editora Planeta, 2017.

KAUR, R. **the sun and her flowers**. Estados Unidos: Andrews McMeel Publishing, 2017.

KAUR, R. **o que o sol faz com a flores**. Tradução: Ana Guadalupe. São Paulo: Editora Planeta, 2018.

MESCHONNIC, H. **Poética do traduzir**. Tradução: Suely Fenerich e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TEIXEIRA, M. Benveniste: um talvez terceiro gesto?. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 39, n 4. P. 107-120, 2004.

TEIXEIRA, M. “A linguagem serve para viver”: contribuição de Benveniste para análises no campo aplicado. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.15, n.2, p. 439-456, 2012.

TEIXEIRA, M. O estudo dos pronome em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 8, n. 1, p. 71-83, 2012.

TEXEIRA, M.; MESSA, R. M. Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala. **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista, v. 13, n. 1. p. 97-116, 2015.

VENUTI, L. (ed.) *The Translation Studies Reader*. Nova Iorque: Routledge, 2000.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. Tradução: Valéria Biondo, Marileide Dias Esqueda, Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela. São Paulo: Unesp, 2019.

VENUTI, L. **A invisibilidade do tradutor**: uma história da tradução. Tradução: Laureano Pellegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. São Paulo: Unesp, 2021.